

DÍVIDA EXTERNA

Brasil pede medidas para conter aumento da 'prime'

BRASÍLIA — A nova alta da taxa preferencial de juros americana (**prime rate**) está "solapando" o grande esforço que os países em desenvolvimento vêm fazendo para reajustar suas economias, afirmou ontem o Itamaraty em nota oficial. O Governo brasileiro — diz a nota — espera que as autoridades e os bancos dos Estados Unidos "reflitam conscienciosamente" sobre os reflexos "altamente negativos" do aumento da **prime** sobre as nações devedoras.

O Itamaraty pede aos bancos e ao governo Ronald Reagan que adotem providências capazes de reverter a escalada da **prime rate**, que passou de 12,5 para 13 por cento segunda-feira e este ano já subiu dois pontos percentuais. As autoridades brasileiras voltam também a exortar os países credores ao diálogo.

◊ A nota oficial foi divulgada à noite, depois de duas horas de consultas entre o Chanceler Saraiva Guerreiro

e os Ministros do Planejamento, Delfim Netto, e da Fazenda, Ernane Galvêas. O Itamaraty vem mantendo contatos com os governos dos 11 países latino-americanos que participaram da reunião de Cartagena, encerrada sexta-feira passada.

Em dois meses, esta é a quarta nota divulgada pelo Governo brasileiro sobre a questão da dívida externa. A primeira delas foi elaborada por determinação do Presidente Figueiredo, a 9 de maio, quando a **prime rate** subiu de 12 para 12,5 por cento.

Dez dias depois, Brasil, Argentina, México e Colômbia divulgaram uma declaração conjunta alertando para a gravidade do problema da dívida externa latino-americana. Na véspera da reunião dos sete países industrializados, em Londres, no último dia 7, os quatro signatários da declaração, com a adesão do Equador, Peru e Venezuela, enviaram às potências carta solicitando atenção especial para o assunto.